

O *Timeu* de Platão na tradição místico-filosófica ocidental (breve apontamento)

Rodolfo Lopes

Investigar as origens do universo foi, é e será uma das principais ambições do Homem. Depois de se ter descoberto como ser pensante – isto é, aquele que sabe que sabe –, levantou desde logo as seguintes questões: o que sou eu, o que faço no mundo, o que é o mundo? Tantas dúvidas e tão poucas certezas acabaram por resultar numa só pergunta: como e para que fim foi criado o mundo?

As tentativas de resposta duram há já quase 3000 anos, tendo apenas em conta o quadro ocidental, e, de um modo genérico, foram sendo agrupadas em três grandes frentes: escolas filosóficas, religiões e, mais recentemente, a ciência pós-iluminista. É certo que todas elas se tocam em muitos pontos e também é certo que, em determinadas épocas, se chegam a confundir, mas, se esquecermos por instantes os rótulos convencionais, veremos que cada um dos membros dessa tríade representa não mais que uma atitude diferente para resolver um mesmo problema.

A este respeito, a filosofia mais tradicional levanta questões sem resposta e, enquanto tenta responder, vai criando novas e reformulando velhas perguntas até se perder no próprio conceito de pergunta. Por seu turno, a religião tenta abordar com clareza questões obscuras e, recorrendo à repetição ritual, pretende petrificar sob a forma de dogmas racionais aquilo que na origem fora e na essência nunca deixará de ser simbólico. Já a ciência moderna, em clara degenerescência em relação ao seu arquétipo, ocupa-se com a renovação compulsiva de paradigmas e conserva a atitude estóica de transpor obstáculos que geram novos obstáculos, tal como um egiptólogo que julga ter descoberto a forma de abrir uma porta secreta quando, no fundo, descobrira outra porta.

No entanto, a par desta corrente mais convencional e, de certa forma, institucionalizada sempre caminhou uma outra, bastarda e marginal, que optou por uma abordagem mais eclética, sem se radicar por completo em qualquer dos ramos tradicionais. Os seus movimentos têm recebido epítetos gerais como “seita”, “misticismo”, “esoterismo” ou “ocultismo” e designações em particular como orfismo, pitagorismo, gnosticismo, Priorado de Sião, Rosa-Cruz ou Maçonaria.

É nesta tradição compósita, onde se mistura a atitude especulativa da filosofia, o carácter ritualista da religião e o espírito de descoberta da ciência, que se inscreve o *Timeu*. Assim se explicam as duas invocações aos deuses que precedem os dois momentos narrativos principais, bem como o próêmio que, segundo autores antigos e modernos, mais não é do que um ritual de preparação de matriz órfico-pitagórica. Mas o melhor exemplo dessa filiação será, provavelmente, a criação do mundo por meio de uma divindade superior (o demiurgo) que, como um artesão, põe em execução um projecto delineado de acordo com um princípio matemático.

A figura do Arquitecto, entendido mais literalmente como sumo-artesão, encontra vários paralelos nesta tradição. Por exemplo, Dante, na *Divina*

Comédia, ou Milton, no *Paraíso Perdido*, apresentam um Deus criador munido de um compasso e, mais tarde, Blake reproduz na tela esta mesma noção.



Fonte: www.rgle.org.uk/ancient.jpg

Na Maçonaria, cujo símbolo principal é precisamente um compasso e um esquadro, o Ser Supremo é chamado, em contextos rituais, Grande Arquitecto do Universo; analogamente, o mito fundacional desta sociedade consiste numa interpretação simbólico-alegóric do processo de construção do Templo de Salomão, durante o qual o artífice Hiram põe em execução a obra projectada pelo Grande Arquitecto do Universo. Na Ordem Rosa-Cruz, o complexo sistema dos Sete Planos Cósmicos é construído pelo Arquitecto do Sistema

Solar. De um modo diverso, na mitologia gnóstica, o Grande Arquitecto (identificado directamente com o demiurgo do *Timeu*) é o responsável pela criação defeituosa da realidade material à imagem do modelo inteligível, depois de ter roubado parte do poder a *Sophia*, de quem era filho. Estes são apenas alguns exemplos.

Mais misteriosa e bastarda se torna esta tradição quando convoca para o seu âmbito a codificação do discurso poético. Com efeito, os exemplos que citei são todos eles mais ou menos devedores deste tipo de registo: Dante, Milton, Blake, os mitos rosa-crucianos e gnósticos, bem como o maçónico que resulta de uma releitura de dois passos bíblicos (um do 2º Livro dos Reis e outro do 2º Livro das Crónicas). Nada mais próprio para transpor a dimensão meramente humana do que a capacidade de “dizer falsidades semelhantes à verdade” que as Musas entregaram a Hesíodo. Ninguém mais adequado do que o vate para servir de hermeneuta à mensagem divina e codificá-la num registo passível de ser interpretado igualmente por hermeneutas – discípulos de Hermes, o intermediário entre deuses e homens. É através da trama simbólica dos mitos tecidos pelos poetas que o primordial, o original se transmite aos mortais por meio da metáfora como transferência, por meio da verosimilhança como representação mimética da verdade.

Todo o *Timeu* depende deste tipo de codificação. Logo no prómio que estabelece os pressupostos e axiomas, é dito que toda a exposição tem um carácter verosímil (*eikos*). No entanto, não é só o verosímil que deve ser tido em conta, já que a palavra *eikos* aparece associada a *logos*, nuns casos, e a *mythos*, noutros casos. Isso implica ainda outro aspecto não menos importante: uma convivência entre o discurso filosófico (*logos*) e a palavra poética (*mythos*).

Rodolfo Lopes